

A LEITURA EM REVISTAS DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Aluna: Givalda Zuleide Oliveira Amorim

Aluna: Genizia Araújo Santos

Aluna: Lucileide Silva Calazans Almeida

RESUMO

O presente artigo propõe uma reflexão sobre a grande vitalidade de um gênero narrativo que apesar dos seus modismos e preconceitos ingressa no século XXI e adquire inegável popularidade. Trata-se da leitura de revistas de histórias em quadrinhos, com suas múltiplas manifestações, situando os mesmos quadrinhos numa zona de confluência de expressões de linguagem. Sendo assim esse artigo tem como objetivo primordial analisar a grande importância da leitura em revistas de histórias em quadrinhos como um gênero narrativo que engloba pluralidades estilísticas mesmo estando sob a ótica de um mercado editorial consumista. Dessa forma, o estudo apresenta um caráter bibliográfico, essencialmente analítico que comporta uma pesquisa positiva sobre o pensamento de autores, englobando em seus aspectos teóricos a história do hábito de ler, a importância da leitura para a construção de conhecimentos da criança, leitura como uma prática de cidadania, a história dos quadrinhos e sua importância para o ensino da Língua Portuguesa. É um estudo relevante porque a caráter ideológico contido permite avaliar as contribuições que as revistas em quadrinhos podem oferecer no ensino da língua, para ampliação dos horizontes, transportando o aluno para o mundo da imaginação e inserindo-os numa “cultura de leitura”, pois só assim serão aprendizes formadores de opinião em todo ambiente social e democrático que estiver.

Palavras-chave: Leitura; Revistas; Histórias em quadrinhos

INTRODUÇÃO

A prática de leitura é necessária ao desenvolvimento dos alunos, pois inúmeras situações escolares exigem que se tenha tal prática. Aqueles que procuram um facilitador de processos construtivos encontrarão na leitura o que se precisa: prestigiando o processo de construção do conhecimento, a leitura valoriza o descobrir, o criar, o interpretar, o experimentar e o escrever.

No entanto, a realidade escolar mostra que a escola tem sido, ainda hoje, a guardiã de tradições, pois utilizada uma metodologia embaçada nas práticas tradicionais de ensino, em

que a leitura está voltada apenas para decifração e decodificação lingüística. A leitura tem sido mera repetição ou reprodução de sentidos institucionalizados, e não um processo dinâmico, democrático e produtivo.

É comum, nas escolas práticas de leitura autoritárias, cansativas, desprovidas de criatividade e estímulo, a leitura tem sido uma verdadeira tortura para muitos alunos, pois a sua prática representa momentos de ansiedade, de medo e frustração.

O caráter livresco do ensino e as formas autoritárias de apresentação dos mesmos, fazem com que a leitura seja relegada a mecanicidade e se reproduzem idéias com a autorização do professor. Memorizando conteúdo o aluno jamais chegará à leitura crítica, nem muito menos adquirirá o hábito da mesma. E sem estar inserido no contexto não existe leitura na verdadeira acepção da palavra. Deve-se ler para entender o mundo. Esse processo não se inicia na escola e também não pode se encerrar nela, o livro deve ser apenas uma referência.

Nesse sentido, é válido o registro de que existe uma carência de informações que orientam uma prática docente mais eficiente, o que resulta na falta de direcionamento da leitura na escola. Relegada ao acaso, limitada, não tem perspectiva de gerar uma leitura de mundo.

Pensando nos intervenientes causados pela forma como se é conduzida a leitura, este trabalho se apresenta como o objetivo geral analisar a grande importância da leitura em revistas de histórias em quadrinhos como um gênero narrativo que engloba pluralidades estilísticas mesmo estando sob a ótica de um mercado editorial consumista; e como objetivos específicos avaliar como as histórias em quadrinhos podem contribuir com a aprendizagem da criança; verificar se histórias em quadrinhos encontram-se numa zona de confluência e expressões e linguagens; avaliar se as histórias em quadrinhos correspondem a um campo produtivo com moldes específicos, em constante processo de renovação e verificar a relação das histórias em quadrinhos com o ensino da Língua Portuguesa.

O presente artigo é desenvolvido por meio de um estudo bibliográfico. Segundo

Gil (2002), esse tipo de pesquisa é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Os livros constituem as fontes bibliográficas por excelência. A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais amplo do que poderia pesquisar diretamente.

Trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa porque é possível percorrer caminhos de incertezas e descobertas e de profundas reflexões críticas, autorizando as pessoas a mergulhar nesse universo significativo e rico de informações.

Há algum tempo, não muito distante da atualidade, levar revista em quadrinhos para a classe era sinônimo de repreensão e castigo, e a aluno ainda se arriscava a perder o gibi. Hoje, muitos professores fazem exatamente o contrário: usar o material preferido dos alunos como aliado na hora de ensinar.

Os quadrinhos são considerados veículos extremamente atraentes para as crianças, sua utilização em sala de aula é bastante oportuna. Eles têm a particularidade de unir duas formas de expressão cultural: a literatura e as artes plásticas. Ao criar a história, o aluno está desenvolvendo a escrita preocupando-se não apenas com as características do texto, mas também com a forma de expressão que dará aos personagens criados por ele.

A importância das histórias em quadrinhos é fundamental para o aprendizado dos alunos. Ao ler as histórias é necessário prestar atenção em cada detalhe: cenários, roupas, época e costumes.

Geralmente, o aluno que lê gibis dedica sua concentração à leitura dos quadrinhos, pois necessita compreender a história para que esta se torne interessante. Esse exercício desenvolve o hábito de concentração na realização de tarefas. Uma vez o hábito desenvolvido, pode ser utilizado para a leitura de outros materiais, como livros e textos que são aplicados em outras disciplinas.

Baseando-se nos aspectos descritos e valorizando a necessidade de uma investigação da importância das histórias em quadrinhos para o desenvolvimento e aprendizagem infantil é que surgiu a idéia de desenvolver esta pesquisa para que viesse avaliar a leitura em revistas de histórias em quadrinhos e podem contribuir para o hábito da leitura.

A idéia em pesquisar este tema surgiu da constatação de que nem sempre a escola oferece formas diversificadas de aprendizagem da leitura. A escola tem desenvolvido a tarefa de ensinar a ler e escrever, de um modo mecânico e estático. Ler confunde-se com a aquisição de um hábito, apresentando como conseqüência o acesso a um patamar do qual não mais se consegue regredir.

O fato de a leitura está presente no dia-a-dia da criança já seria justificativa suficiente para sustentar esta pesquisa, que busca o entendimento baseado em muitas leituras bibliográficas que permitirá analisar as práticas de leitura desenvolvidas no âmbito escolar.

Para justificar a necessidade da leitura, bastaria o argumento de que sem ela as pessoas não desenvolvem o pensar, o interpretar, o compreender a escrita ou o raciocínio visual e criativo, sem essas habilidades dificilmente conseguirão resolver as situações de vida que forem surgindo. Sem a prática diária de leitura as várias formas de se fazer uma análise interpretava do mundo torna-se incompleta, a comunicação das idéias fica reduzida e a construção do conhecimento torna-se insatisfatória.

A relevância desta pesquisa está na possibilidade de avaliar as contribuições que as revistas em quadrinhos podem oferecer para estimular o hábito de leitura dos alunos, aspectos sem as quais o professor de língua portuguesa não estaria informado das novas metodologias de ensino da língua que incentiva a prática da leitura.

Nesse sentido, a leitura de revistas em quadrinhos deve ser considerada como instrumento útil de interpretação cultural, permitir a construção de conhecimento através da dialogicidade entre autor e leitor que tem acesso de forma dialética a outras informações,

pontos de vista, representações, versões, visões, concepções de mundo.

Mas a leitura não é um instrumento que simplesmente permite o acesso à diversas maneiras de interpretação da realidade, do mundo, mas é também uma forma de aproximar os alunos das múltiplas culturas que permitirá um raciocínio mais reflexivo e uma prática de cidadania, ampliando as possibilidades de comunicação, de acesso ao conhecimento e a descoberta do prazer de ler.

2. PERCORRENDO A LEITURA DE REVISTAS DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

2.1 A história do hábito de ler

O ato de ler, só pode ser compreendido a partir da compreensão do passado uma vez que esta é uma palavra que remete a uma construção social, a uma atividade socialmente definida. Assim, o ato de ler, segundo Ferreiro (2002, p. 40), “não teve e nem terá o mesmo significado no século XII e no século XXI”.

Os modos de escrever, de dizer a palavra escrita, de escutar a oralidade e de ler o que está escrito foram adquirindo novas configurações, mas a leitura foi e é uma “prática encarnada por gestos, espaços e hábitos” (CAVALLO; CHATIER, 2002, p. 06).

Mas, apesar do comportamento revolucionário da leitura na atualidade, Ferreiro (2002), salienta que a primeira grande revolução nos processos de leitura foi anterior a imprensa.

Por muito tempo, os historiadores ocidentais consideraram a relação entre impressão, publicação e leitura somente pelos padrões da ‘invenção de Gutenberg’*, como se ela fosse uma condição necessária para criação de um grande conjunto de leitores e para o desenvolvimento de uma atividade de publicação intensa.

* Criação tipográfica do primeiro livro

Em verdade, o que se sabe, historicamente, é que nos países asiáticos, bem antes da invenção de Gutenberg, já se realizava impressão de textos em larga escala com tipo móvel. No início do século XIII os textos coreanos eram impressos usando-se caracteres de metal, enquanto na China, no mesmo século, eram usados os caracteres de madeira, o que se denota que a civilização da imprensa e da publicação não pode ser restrita somente à ‘Galáxia de Gutenberg’. Assim, “após a metade do século XV, a cópia manual continuou a ocupar lugar importante na circulação de vários gêneros de textos. Sua ‘publicação’ estava fortemente ligada à difusão de cópias manuscritas entre um número limitado de leitores” (ABREU, 1999, p. 21).

Isto é, a relação entre imprimir e publicar, no século mencionado, não obteve, necessariamente, um “casamento” perfeito de imediato. Isso em virtude de que a publicação estava condicionada à difusão de cópias manuscritas entre um limitado número de leitores, como era o caso de Panfletos políticos, folhetos informativos, obras literárias para declamação e peças teatrais. Tudo isso para se evitar a pirataria e a corrupção dos textos originais.

Em verdade, a primeira revolução consiste no longo processo de mudança da leitura oral e em voz alta para a leitura visual e silenciosa ocorridas nos séculos XII e XIII. Essa transformação da sistemática da leitura gerou sérias mudanças posteriores no processo de aquisição da informação.

Para Saenger[†] *apud* Ferreira (2002, p. 47):

“Todavia, a leitura silenciosa alimentou ao mesmo tempo duas conseqüências não previstas: a heresia e o erotismo. A nova intimidade com o texto gera, num mesmo ato de cumplicidade, dois movimentos complementares: a liberdade do leitor, cuja interpretação fica momentaneamente fora da esfera da censura, e a liberdade do escritor, dono de sua pena e de sua voz apagada, que se permite expressar, na intimidade da cela ou da recâmara, o que ninguém podia exprimir em voz alta.

Já a segunda ocorreu durante a era da impressão, mas antes da industrialização da produção do texto. O que se vê ali é o crescimento na produção do livro, multiplicação e

[†] SAENGER, Paul. *Space between words. The origins of silent reading.* Stanford. Califórnia, Stanford University Press, 1997a.

transformação dos jornais, o triunfo dos livros de pequenos formatos e a proliferação de instituições de leitura. O que trará para o século XVIII um desenvolvimento de novos gêneros textuais e novas práticas de leitura, como por exemplo, as sociedades de leituras que surgiram em meados de 1800.

A terceira revolução tem a ver com a “transmissão eletrônica de textos”. A partir dessa terceira revolução, redefinir as funções sociais e os papéis intelectuais na sociedade contemporânea, bem como redirecionar todas as categorias que organizavam as expectativas e percepções dos leitores.

Podemos imaginar que durante um longo tempo essas três formas de cultura escrita (manuscrita, impressa e comunicação eletrônica) irão coexistir e cada uma terá sua preferência de acordo com os gêneros e usos. Nesse sentido, o novo mundo eletrônico não significa a morte da impressão (ABREU, 1999, p. 31).

Para tanto, é de suma importância a preservação e o entendimento da cultura impressa, a fim de se poder sentir as conseqüências positivas oriundas das promessas feitas pelas inovações tecnológicas para este tempo e o vindouro.

2.2 A Importância da Leitura para a Construção de Conhecimentos da Criança

Nas palavras de Lajolo (1995), ler, é usar o imaginário. “O imaginário apresenta-se com maior intensidade na infância. Na infância, as histórias têm um papel primordial dentro do imaginário e é através dele que a criança apropria-se da fantasia, ampliando seu poder de criatividade” (HELD, 1990, p. 32).

A leitura pode ser compreendida como um processo complexo que se inicia e se desenvolve, ao longo da vida do indivíduo, sendo predominantemente, apreendida na escola, em função das experiências criadas nos contextos formais de ensino e aprendizagem. “O direito de ler significa igualmente o de desenvolver as potencialidades intelectuais e espirituais, o de aprender e progredir” (BAMBERGER, 2002, p. 9).

Observa-se, que apesar de todo o avanço tecnológico observado na área de

comunicações, principalmente audiovisuais, nos últimos tempos, ainda é, fundamentalmente, através da leitura, que se realiza o processo de transmissão/aquisição da cultura. Daí a importância capital que se atribui ao ato de ler, enquanto habilidade indispensável em qualquer época da vida. Assim, em qualquer meio intelectual a leitura constitui um dos fatores decisivos do estudo. Portanto, é preciso ler, sempre e muito.

Ler é extrair significação de um texto (...) A análise da situação de leitura permite-nos conceber uma série de operações elementares que intervêm no processo de compreensão. É essencial distinguir as operações que precedem e conduzem à identificação das palavras escritas, daquelas que a seguem (GRÉGOIRE; PIÉRART, 1997, p. 106).

Dessa forma, no mundo atual, o indivíduo recebe uma grande carga de informações oriundas dos meios de comunicação. Desta forma, ele deve estar atento à importância da leitura no seu cotidiano, procurando interpretar as mensagens da melhor forma possível e não simplesmente decodificar os signos, pois só haverá leitura quando o leitor for capaz de perceber o que leu, estabelecendo dupla relação texto/contexto. Após este momento, o leitor já estará preparado para ir além das entrelinhas em um processo interativo em que este tira suas próprias conclusões a respeito do que está sendo proposto pelo autor e não somente reproduz o que está sendo dito.

A relação entre a leitura e a identificação de palavras escritas é específica, na medida em que a segunda dessas habilidades serve apenas à primeira delas e que esta não pode se abster da segunda. Isso deixa intacta a importância dos processos que intervêm após a identificação das palavras (GRÉGOIRE; PIÉRART, 1997, p. 106).

No entanto, essa compreensão primeira, alusiva às orações, frases parágrafos não são em primeira instância aspectos da leitura, mas da decodificação de signos. Para tanto, não se torna somente necessário ir as aulas para garantir pleno êxito nos estudos. Quem não sabe ler não saberá resumir, tomar apontamentos e, finalmente, não saberá estudar.

Ler bem é o ponto fundamental para os que quiserem ampliar e desenvolver as orientações e aberturas das aulas é muito importante participar, elas não circunscrevem, não limitam, ao contrário, abrem horizontes para as grandes caminhadas, do aluno que leva a sério seus estudos e quer atingir resultados plenos. Através do contato com professores e colegas

poder-se-á compreender novas visões que se encontram implícitas no texto, uma vez que o ato de ler implica o entendimento das entrelinhas.

O sentido de um texto não está apenas no texto, não está apenas no leitor. Está no texto e no leitor; pois está em todo o material lingüístico que o constitui e em todo o conhecimento anterior que o leitor já tem do objeto de que trata o texto. É por isso que não se pode ver lá no texto o que lá não está nem se pode ver apenas o que lá está sobre a página. A leitura tem, assim, a dinâmica de qualquer outro encontro: seu sentido é de agora e de antes (ANTUNES, 2003, p. 78).

O que na verdade acontece é uma confusão entre leitura e a simples decodificação de sinais gráficos. Aprender a ler não é uma tarefa tão simples, pois exige uma postura crítica, sistemática e intelectual por parte do leitor, e esses requisitos básicos só podem ser adquiridos através da prática.

A mensagem verbal é efêmera, ela desaparece à medida que é imitada, ao passo que o texto é permanente. Isso tem conseqüências, tanto para o escritor que redige um texto, quanto para quem lê. Para este último, o caráter permanente do texto permite estratégias específicas, isto é, estratégias impraticáveis em um nível semelhante ao da compreensão da fala (GRÉGOIRE; PIÉART, 1997, p. 108).

Em verdade, o leitor é responsável por administrar melhor os aspectos para a leitura, que é vista como um instrumento de poder, e vem através dos tempos assumindo seu papel na sociedade, que é o de contribuir como decodificadora de signos, embora vá além deste nível. Freire (1988) comenta que os signos são os próprios fatos, acontecimentos, situações reais ou imaginárias em que os sons, paisagens, imagens tendem a melhorar a relação homem - meio - mundo.

O hábito de ler exerce uma grande força num contexto social, político, econômico e cultural, uma nova perspectiva de vida e visão de mundo. Colaborando esse entendimento, Kleiman (2000) aborda a leitura de mundo através da atuação do conhecimento prévio, essencial à compreensão, pois é o conhecimento que o leitor tem sobre o assunto, mundo, que lhe permite fazer as inferências necessárias para relacionar partes de um texto num todo coerente.

A leitura amplia os conhecimentos do ser humano. É através dela ou mesmo pelo hábito de ler que o indivíduo habilita-se a exercer os conhecimentos culturalmente

construídos e dessa forma escala com maior facilidade os novos degraus do ensino, e em consequência atinge também sua realização profissional. O ato de ler é função primordial da escola, e é esta que possibilita o educando a ler o mundo, de construir a sua própria história.

Percebe-se que colocada como base da educação, a leitura assume seu papel político democrático ou não, dependendo do grupo social a que está submetida. Portanto se a escola pretende participar no processo democrático do país deve estimular a leitura nas séries iniciais, partindo em primeiro lugar de uma metodologia de ensino da leitura que fomente no educando o prazer de ler, desenvolvendo o senso crítico diante do que foi lido, relacionando com a realidade.

Mas, antes de tudo é mister saber cultivar o hábito de ler, que acabará gerando um excelente exercício para escrita. Na concepção de Lajolo (1994, p. 7), “do mundo da leitura à leitura do mundo, o trajeto se cumpre sempre, refazendo-se, inclusive, por um vice-versa que transforma a leitura em prática circular e infinita”.

Não é, necessariamente na escola que os indivíduos iniciam os primeiros contatos com a leitura. Esse contato algumas vezes já é desprendido na escola da vida. Então se percebe, que a importância da leitura é fundamental, seja individualmente, seja coletivamente, porque quando o indivíduo lê, ele está contribuindo para o enriquecimento próprio e para a sua compreensão do mundo. Assim, faz-se relevante cultivar a leitura em toda e qualquer disciplina curricular e não apenas em língua portuguesa.

Freire (1980, p. 15) enfatiza:

A leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele [...] de alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por certa forma de "escrevê-lo" ou de "reescrevê-lo", quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente.

A leitura constitui-se num instrumento de produção e reprodução. É esta um bem cultural onde o ser humano se constrói como sujeito de sua própria história, interagindo no seu mundo ou na sociedade em que vive; Assim a leitura propiciará a mudança almejada pela

sociedade.

Segundo Ferreiro; Teberosky (1991, p.26) as crianças antes da sua entrada para a escola, já tem construções mentais sobre a leitura e a escrita e não se limitam a receber passivamente os conhecimentos.

De acordo com as autoras, a criança que chega à escola já é um "bom" leitor do mundo. Desde muito nova começa a observar, a antecipar, a interpretar e a interagir, dando significado aos seres, objetos e situações que a rodeiam. Ela utiliza estas mesmas estratégias de busca de sentido para compreender o mundo letrado.

Ainda para as autoras, essa aprendizagem natural da leitura deve ser considerada pelo professor e incorporada as suas estratégias de ensino, com o fim de melhorar a qualidade desse processo contínuo iniciado no momento em que a criança é capaz de captar e atribuir significado as coisas do mundo.

O trabalho de leitura, na escola, tem por objetivo levar o aluno a análise e à compreensão das idéias dos autores e buscar no texto os elementos básicos e os efeitos de sentido. É importante que o leitor se envolva, se emocione e adquira uma visão dos vários materiais portadores de mensagem presentes na comunidade em que se vive. (Zilberman, 1982, p.18).

A leitura acontece quando se produz o sentido e quanto mais informação, experiências de leituras anteriores, mais consciência na formação de sentido terá o leitor, pois além de que se encontram nas linhas é preciso entender também as entrelinhas. Só quem lê interpreta, questiona, estabelece julgamentos do que pode e deve fazer, exerce plenamente a sua cidadania. Só quem lê pode mudar a realidade para melhor.

2.3 História e Importância dos Quadrinhos

Eisner (1999), estabelece que as histórias em quadrinhos é um recurso que atravessou milênios e que fora utilizada por diversas civilizações, associadas ou não a linguagem verbal. Nas palavras de Rama et al (2004, p. 8), “as histórias em quadrinhos vão ao

encontro das necessidades do ser humano, na medida em que utilizam fartamente um elemento de comunicação que esteve presente na história da humanidade desde os primórdios: a imagem gráfica”.

Assim, o homem primitivo transformou as paredes das cavernas num grande mural de comunicação. A partir daí pode ser registrada a primeira história contada por sucessão de imagens. Mas, com o advento do alfabeto fonético, a imagem passa a ter menor relevância como elemento de comunicação para os seus contemporâneos.

Ainda que de maneira intuitiva, tanto o homem das cavernas como a criança hoje parecem ter compreendido que, como diz a sabedoria popular, ‘uma imagem fala mais que mil palavras’. No entanto, embora as figuras das cavernas atendessem satisfatoriamente as necessidades de comunicação do homem primitivo, ele logo se mostrariam insuficientes para acompanhar o desenvolvimento humano (RAMA *et al*, 2004, p. 9).

Foi assim que a escrita do primeiro alfabeto guardou relação com a imagem do que se pretendia representar, constituindo assim a escrita ideográfica, como é o caso da escrita dos japoneses. Mas, com o advento do alfabeto fonético, a imagem passa a ter menos importância.

Mas o surgimento das histórias em quadrinhos como meio de comunicação de massa são decorrentes do aparecimento da imprensa e evolução da indústria tipográfica. Despontados inicialmente nos Estados Unidos e voltados para as produções de imigrantes, os quadrinhos tinham características cômicas, com desenhos satíricos e personagens caricaturais. Algum tempo depois passar a ter publicação em jornais e cresce a diversidade temática.

[...] a percepção de que as histórias em quadrinhos podiam ser utilizadas de forma eficiente para transmissão de conhecimentos específicos, ou seja, desempenhando uma função utilitária e não apenas de entretenimento, já era corrente no meio “quadrinhístico” desde muito antes do seu “descobrimento” pelos estudiosos da comunicação (RAMA *et al*, 2004, p. 17).

Nessa trajetória, no século XIX consolidaram-se os jornais, o veículo ideal para a expansão do alcance dos quadrinhos e da sua diversificação, passando a circular em publicações exclusivamente a eles dedicado, os gibis e também no meio virtual com temáticas e os mais diversos estilos.

Esta foi uma inclusão que segundo Rama *et al*(2004) aconteceu de forma tímida porque inicialmente só eram utilizadas para ilustrar alguns aspectos das matérias que eram explicados por texto escrito. Os livros didáticos apareciam em proporções muito pequenas uma vez que se tinha ainda o temor de que esse tipo de leitura poderia não ser aceito pela escola. Mas depois de constatados os resultados positivos, autores de livros didáticos passaram a incluir os quadrinhos com mais frequência em suas obras, ampliando assim a penetração no ambiente escolar.

Como essa prática já era efetiva em diversos países, o Brasil também passou a incorporar esse tipo de leitura, reconhecido pela Lei de Diretrizes e Bases 9.394/96 e pelos PCN (1998) que incorporam o consenso sobre a necessidade de exposição à diversidade de gêneros de circulação social como um dos princípios básicos do ensino da língua materna.

Foi nesse contexto que surgiu Maurício de Souza se lança-se na aventura das histórias em quadrinhos.

Pode-se dizer que no Brasil, o fenômeno da história em quadrinhos em termos nacionais apenas começa. E talvez mais cedo do que se imagina seja possível resolver os grandes problemas de editoração e mercado que ele envolve e principalmente resolver o que aqui os interessa mais de perto: a descoberta da literatura, para os pequenos leitores, como prazer e como elemento formador de seu espírito ou consciência de mundo (COELHO, 2000, p. 220).

Apesar da história em quadrinhos não ser considerada uma atividade fácil porque baseia-se na comunicação visual de elementos pré-estabelecidos e há muito transformados em símbolos compreensíveis, de ligação estabelecida, portanto, entre a página de história em quadrinho e seu leitor, através de elementos que aos poucos vão sendo inventariados pelo último, como se fosse um hieróglifo a ser decifrado. Trata-se da complementaridade entre texto e imagem, tendo como fundamento principal a presença física do personagem em cena que, dramaticamente colocado, conduz a narrativa, sendo exatamente ele uma interpretação gráfica de nossas próprias experiências.

Dessa forma, cabe ao professor estabelecer qual a estratégia mais adequada para atender às necessidades da faixa etária para que se possa alcançar a capacidade de

compreensão dos alunos. Na escola, os quadrinhos não podem ser vistos como aquele que poderá atender todo e qualquer objetivo organizacional. Para Rama et al (2004, p. 27), ao contrário, “deve buscar a integração dos quadrinhos a outras produções das indústrias editorial, televisiva, radiofônica, cinematográfica etc., tratando todos como formas complementares e não inimigas ou adversárias dos estudantes”.

2.4 A Leitura em Revistas de Histórias em Quadrinhos no Ensino da Língua Portuguesa

Segundo Rama (2004), os quadrinhos representam um meio de comunicação de massa de grande penetração popular. Nos quatro cantos do planeta, as publicações do gênero circulam com uma enorme variedade de títulos e tiragens de milhares ou, milhões de exemplares, avidamente adquiridos e consumidos por um público fiel, sempre ansiosos por novidade.

As revistas de histórias em quadrinhos versam sobre os mais diferentes temas, sendo facilmente aplicáveis em qualquer área. Elas podem ser utilizadas tanto como reforço a pontos específicos do programa como propiciar exemplos de aplicação dos conceitos teóricos desenvolvidos em aula. Essa inclusão também possibilita ao estudante ampliar seu leque de meios de comunicação, incorporando a linguagem gráfica às linguagens oral e escrita, que normalmente utiliza.

Conforme a autora Cirne (2000), hoje em dia sabe-se que os leitores de histórias em quadrinhos são também leitores de outros tipos de revistas, de jornais e de livros. Assim, a ampliação da familiaridade com a leitura de histórias em quadrinhos, propicia por sua aplicação em sala de aula, possibilita que muitos estudantes se abram para os benefícios da leitura, encontrando menor dificuldade para concentrar-se nas leituras com finalidade de estudo.

Na hora da história, o professor estará desenvolvendo a capacidade de

apreciação, por isso é importante que o professor trabalhe com a história através de técnicas expressivas, dramatização, desenho, construções, escrita e outras. Assim, além de aprofundar o conteúdo oferecido pela história, o aluno terá a oportunidade de elaborar e expressar sentimentos e pensamentos a partir dessa experiência.

Sendo assim, através das histórias em quadrinhos pode-se enriquecer o trabalho propondo a contextualização da história: de onde foi retirada, quem a escreveu, por quê, em que época e lugar.

Ao se trabalhar com histórias em quadrinhos, é importante que o professor levante informações que contextualizem essa história. Isso depende da faixa etária e interesse que a história desperte nas crianças. E estes aspectos possibilitam a prática da leitura, desenvolvendo, no aluno habilidades de compreensão. Uma história em quadrinhos não poderia nunca ser tomada como uma perda de tempo na escola, mesmo para as crianças maiores. A preocupação escolar com o currículo pode obrigar os trabalhos história reconhecer o devido valor dessa atividade.

A leitura de quadrinhos compreende um universo de situações favoráveis de aprendizagem, que vai desde seu início de formação até à sustentação de uma prática freqüente e gosto pela leitura.

A leitura leva à aquisição da cultura, mas é a cultura que explica muito do que se lê, não apenas o significado literal de cada palavra de um texto. Uma pessoa que não conhece uma cultura tem dificuldade em ler textos produzidos por ela, mas, para adquirir conhecimentos dessa cultura, quando possível, é interessante ler não só o que os outros disseram a respeito dela, mas o que ela mesma produziu. (CAGLIARI, 1998, p. 173).

Portanto, é preciso entender que o ato de ler é um aprendizado contínuo. Ler com freqüência significa entender melhor os variados tipos de conhecimentos, textos, análises, é também ter a possibilidade de imaginar-se numa fantasia, ou numa ação dependendo de seu gosto literário.

Além disso, torna-se também importante a seleção do material a ser trabalhado em sala de aula, levando em consideração o número de publicações de literatura em quadrinhos

nos últimos anos, para Coelho (2000), torna-se necessário uma nova reflexão que distinguisse o processo de leitura proporcionado pelos quadrinhos e conteúdo que é veiculado pela grade massa dessa literatura, a maior parte realmente negativa.

Assim, a identificação dos materiais devem ser adequados para a classe a ser trabalhada, tanto em termos de temática, linguagem, idade e desenvolvimento intelectual dos alunos.

Rama *et al* (2004, p. 66) diz que a utilização dos quadrinhos, especificamente no ensino da Língua Portuguesa, não se trata de condenar as gramáticas normativas ou desqualificá-las, mas o fato é que o conceito de língua portuguesa hoje é muito mais amplo e o texto tornou-se o principal suporte pedagógico, e não apenas os textos literários. “Os quadrinhos são sem dúvida, um riquíssimo material de apoio didático. Sendo bem trabalhados (o que poucas vezes acontece), propõe aos alunos um bom debate e um maior aprofundamento do que seja o ensino da língua portuguesa”.

Dessa forma, é ideal que o professor adapte suas atividades à sua realidade de sala de aula, aprimorando, reinventando e inovando porque este caminho a ser percorrido deve ser positivo, para que os quadrinhos despertem nos alunos o poder de compreensão do mundo à sua volta de forma lúdica.

CONCLUSÃO

As histórias em quadrinhos contribuem, sobremaneira para aprendizagem de novos conhecimentos e, além disso favorece o estímulo, mobilizando novos seres para o conhecimento.

Assim, por meio da teoria explicitada nesse trabalho percebeu-se as várias possibilidades de aprendizagem, a exemplo da linguagem simbólica, as imagens, formação da

própria consciência, a ampliação informativa do aluno. Para que esse trabalho seja possível, é necessário envolvimento do professor, exigindo o abandono da sua postura tradicional de que a leitura é uma decodificação lingüística.

É necessário por parte do professor compreender que a prática da leitura seja uma atividade ampla e prazerosa do aprendizado do aluno. Sendo assim, os momentos da leitura em revistas em quadrinhos devem servir de estímulo e promover o desenvolvimento intelectual do aluno uma vez que enriquece e amplia experiências vividas, facilitando a organização dos conhecimentos adquiridos.

As histórias em quadrinhos são importantes por potencializarem a subjetividade do leitor, que cria sua própria visão de mundo a partir das situações expostas nas revistas. Portanto, todas as formas de leitura são diferentes, mas qualquer que seja o portador do texto, das situações, todas elas são atos de leituras destinadas a atender as necessidades de cada um.

Assim, ler histórias em quadrinhos é uma atividade importante para a formação da criança, desenvolvendo a sua criatividade, levando a usar intensamente a imaginação e, também lidar com medos e expectativas.

A inclusão das histórias em quadrinhos na sala de aula, não é objeto de rejeição por parte do aluno, que em geral recebem de forma entusiasmada. As histórias em quadrinhos aumentam a motivação dos estudantes para o conteúdo das aulas, aguçando a sua curiosidade e desafiando seu senso crítico.

Portanto, a leitura de quadrinhos compreende um universo de situações favoráveis de aprendizagem, que vai desde seu início de formação até à sustentação de uma prática freqüente e gosto pela leitura.

As histórias em quadrinhos podem ser um caminho prazeroso para a prática da leitura. Sendo assim, é importante proporcionar momentos de leitura significativa e prazerosa. A escola deve, portanto, oferecer as condições necessárias ao desenvolvimento de hábitos

positivos de leitura. E estas incluem oportunidades para ler de todas as formas possíveis, até mesmo revistas, jornais, livros, como também histórias em quadrinhos.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia (org). **Leitura e história da leitura**. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil; Fapesp, 1999.

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003 (Série Aula; 1).

BAMBERGER, Richard *et al.* **Como incentivar o hábito da leitura**. 7 ed. São Paulo: Ática, 2002.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Língua Portuguesa**, 1998, p.53-65.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e lingüística**. São Paulo: Scipione, 1998.

CAVALLO, Guglielmo; CHATIER Roger. **História da leitura no mundo ocidental**. 1 ed. São Paulo: Ática, 2002.

CIRNE, Moacy. **Quadrinhos, sedução e paixão**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte seqüencial**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FERREIRO, Emília. **Passado e presente dos verbos ler e escrever**. São Paulo: Cortez, 2002. (Coleção questões da nossa época).

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1991.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 22 ed. São Paulo: Cortez, 1988. 80 p.

_____. **Educação como prática da liberdade.** 11º ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1980.

GRÉGOIRE Jacques; PIÉRART, Bernadette. **Avaliação dos problemas de leitura:** os novos modelos teóricos e suas implicações diagnósticas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

HELD, Jaqueline. **O imaginário no poder:** as crianças e a literatura fantástica. São Paulo: Sumus, 1990.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor:** aspectos cognitivos da leitura. Campinas, São Paulo: Pontes, 2000.

LAJOLO, Marisa. **A leitura literária na escola.** 4 ed. São Paulo: Ática, 1994.

_____. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo.** São Paulo: Ática, 1995.

RAMA, Ângela et al. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2004.

ZILBERMAN, Regina *et al.* **Leitura em crise na escola:** as alternativas do professor. Porto Alegre, RS: Mercado Aberto, 1982.